

## NARRATIVAS DE CIVILIDADE: O DISCURSO MÉDICO-HIGIENISTA NOS MANUAIS PEDAGÓGICOS DO SEGUNDO IMPÉRIO

IRANILSON BURITI DE OLIVEIRA\*

Esta pesquisa tem como objetivo principal analisar os escritos da missionária inglesa Sara Kalley, que chegou ao Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX, em 1855, vinda da Ilha da Madeira, Portugal. Movida pelo desejo de evangelizar (não apenas a doutrina protestante, mas os preceitos morais e burgueses), a imigrante e o seu esposo, Robert Kalley, construía laços de solidariedade étnica, relações de vizinhança, amizade, até mesmo com o Imperador D. Pedro II. Buscavam se inserir no cotidiano urbano carioca, estreitando vínculos comunitários, lançando mão de estratégias de inserção social, como a fundação de uma escola dominical na qual Sarah dava aulas e ministrava a Palavra de Deus para crianças e para qualquer adulto que quisesse escutá-la. No Brasil, Sarah desenvolveu ainda mais o gosto pela música (compondo hinos para as reuniões protestantes), pela leitura, pela escrita e pela docência.

O livro que analisaremos é um manual de civilidade intitulado “A Alegria da Casa”, editado em 1866, onze anos após a sua chegada à terra brasileira. Voltado para o público feminino, este pequeno livro é elaborado com um vocabulário simples, com exemplos práticos e cotidianos, com reconhecimento de práticas do domínio público, com uma estrutura narrativa que facilita a comunicação entre autor e leitor. É importante frisar que, na ausência de médicos com formação acadêmica, tais escritos contribuem para a circulação de ideias sobre o pensamento higienista e “civilizatório” da época. É um dispositivo pedagógico que funciona, também, como um manual de boas maneiras, um código de bom-tom, um receituário de padrões de “boa conduta”<sup>1</sup>.

---

\* Professor da Universidade Federal de Campina Grande.

<sup>1</sup> No Brasil, os manuais começam a circular em meados do século XIX, importados do modelo francês. Este tipo de dispositivo educativo já era muito utilizado nas cortes européias desde o século XIV, sob a forma de tratados de cortesia, regras de moral e nas artes de agradar ou de amar. Divididos em dois gêneros - pedagógico (destinado às crianças) e cortesão (cujos leitores eram adultos)-, esses manuais concordavam em acenar para os ganhos da civilização. Confira RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. **A Cidade e a Moda:** novas pretensões, novas distinções –Rio de Janeiro, século XIX. Brasília: UNB, 2002 ; SILVA Francini Medeiros da. Código de Bom-Tom: Os manuais de etiqueta e a formação de uma “boa sociedade” nos trópicos (Rio de Janeiro, 1840-1850). Anais do XVIII Encontro Regional de História – O historiador e seu tempo. ANPUH/SP – UNESP/Assis, 24 a 28 de julho de 2006. Cd-rom.

Como um manual de boas maneiras, *A Alegria da Casa* abordava os temas mais diversos, voltados principalmente para o sexo feminino, dando ênfase aos espaços da casa, aos cuidados na alimentação, a temas relacionados à higiene da pele, boca, rosto, nariz, olhos, cabelos, mãos, unhas, vestuário e precauções com o sono e com o quarto de dormir. A mulher-mãe é o centro da narrativa. O ministério da maternidade é a sua principal atividade. Esse ministério feminino deveria reeducar o olhar para investigar, procurar os rastros de doença, os piolhos que desfilavam no corpo dos filhos, irritando a sua cabeça, preocupando as autoridades sanitárias, “assustando” as vítimas, desenhando caminhos de subdesenvolvimento para o povo brasileiro.

Kalley é sensível às transformações que estão acontecendo nas cidades brasileiras do século XIX, principalmente no Rio de Janeiro<sup>2</sup>, para, a partir disso, desenhar novos modos de ser e de se comportar, de caminhar, de viver, de amar a Deus e a vida. Sarah é uma leitora da cidade a partir das sensibilidades européias, principalmente da inglesa. Como leitora, é uma caminhante que enxerga as coisas a partir de sua ótica, de seu ponto de vista de missionária e imigrante. Como imigrante, mas diferentemente de muitos deles, não é preconceituosa com os brasileiros.<sup>3</sup> Como missionária, mas também diferentemente de muitos deles, escreve sobre moral e bons costumes. Ver e ler a cidade, interpreta as vozes, decifra os sons, escuta as cantilenas que chegam das ruas, os ruídos urbanos, as paisagens que lhe cercam. Como na hermenêutica protestante, a interpretação da casa, da família, da cidade não se realizava apenas pela compreensão ou pela exegese, mas mediante uma relação com o próprio eu, com a própria vida, com o próprio tempo. Os escritos de Sarah são interpretações da família brasileira narradas a partir da relação entre o eu (o Brasil) e o outro (a Europa), uma fusão entre linguagem científica, moral, instrutiva e civilizatória. Uma fusão entre controle e prevenção, diagnóstico e prescrição, o visível e o escondido.

---

<sup>2</sup> Para Schwarcz (2007, p. 110, a cidade do Rio de Janeiro se tornou “um pólo centralizador e difusor de hábitos, costumes e até linguagens para todo o país, além de se transformar no cenário principal em que se desenrolava a dramatização da vida social da boa sociedade”.

<sup>3</sup> Conforme Malerba, os viajantes estrangeiros impregnavam suas palavras e narrativas de preconceitos contra o povo brasileiro e os seus costumes, descritos como exóticos e nada “civilizados” (2000, p. 173).

Tornava-se crescente a urbanização da vida e da paisagem nacionais, à medida que crescia a idealização dos valores urbano-industriais, contribuindo para que as pessoas organizassem suas vidas dentro desse novo cenário sócio-econômico. Sarah Kalley subjetiva os códigos europeus, já que passou parte de sua vida naquele continente<sup>4</sup>. Em seus escritos, configura uma gramática de práticas pedagógicas correlatas a pressupostos higienistas. É sensível às novas artes científicas de produzir a ordem médica no seio social. A sensibilidade, diz Pesavento, “revela a presença do eu como agente e matriz das sensações e sentimentos. Ela começa no indivíduo que, pela reação do sentir, expõe o seu íntimo” (2007, p.13). Sarah não é apenas sensível à nova família que emerge, mas também ao ambiente familiar, à anatomia do discurso higienista, à moda que chegava da Europa ditava o bom-tom na arte de se vestir. Apesar de muitos escritos dessa natureza serem voltados apenas para a família burguesa, as escrituras kalleyanas tinham outra singularidade: destinavam-se, também, para os segmentos pobres da população, já que a Igreja Evangélica Fluminense era composta de pessoas de vários níveis sociais. Assim, tais escritos circulavam e eram apropriados em diversas cartografias fluminenses, procurando medicalizar os hábitos de vida, introduzir o dever de saúde, chamando os sujeitos a cuidarem de si.

Dessa maneira, tanto a cidade quanto a família ditas modernas emergem como produções discursivas, territórios cartografados pela história, pelas relações de saber/poder. Como um cenário teatral, a família é um espaço construído, montado e desmontado pela história, pelos grupos sociais. A família é um texto escrito e reescrito sempre que for necessário nomeá-la, repensar seus conceitos, sua postura, sua atuação nas cenas sociais. A cidade, por sua vez, é um próspero mercado urbano, multifuncional, a serviço do capital. As famílias nela habitantes deveriam ser um “exemplo” em tudo, subjetivando valores como o cuidado com a beleza (perfumes, aromas, pós, talcos), com o conforto (casacos, chapéu), com o trabalho e com o físico. O final do século XIX, no Brasil, é um momento que requisitava a mudança da relação do sujeito com o seu corpo, tornando-o forte, educado, bonito e vistoso. O discurso

---

<sup>4</sup> Nascida em Nottingham em 25 de maio de 1825, recebeu o nome de Sarah Poulton Wilson, tendo ficado órfã de mãe quatro dias após seu nascimento. Era filha de William Wilson (1801-1866) e Mrs. Sarah Morley (1802-1825), irmã de Samuel Morley, membro do Parlamento na Inglaterra. Casou como médico Robert Reid Kalley em 1852. Moravam na Ilha da Madeira, de onde migraram para o Brasil.

elitista, centrado na civilização do país, causava uma certa euforia cosmopolita-civilizatória no seio da população, preocupada em limpar o sujeito nacional das nódoas de um passado mal visto e mal dito pelos estrangeiros. Nesse período, o processo de reprodução das riquezas se viu amenizado pelas más condições sanitárias, provocando a preocupação pela educação dos trabalhadores, obras de saneamento urbano, ar puro, espaços verdes e atenção médica.

A família tradicional, afeita ainda aos códigos coloniais, ia sendo afetada, impactada pela emergência de novos hábitos e equipamentos, distanciando-se de seus antigos valores, ao passo que configurava-se, paulatinamente, um outro sujeito deslumbrado com o novo ambiente urbano, encantado com as técnicas, com as texturas que a cidade oferecia, com a generalização, entre nós, das novidades inglesas que por aqui chegavam. A família da elite apreciava os sofás com estofados de seda, cadeiras de mogno, guarda-roupas de jacarandá. Mulheres desfilavam com papelotes na cabeça (usado no cabelo para encrespá-lo) e cheirando à água *benzoide*, à água de *Berenice* que refrescavam e perfumavam suas peles. Pela manhã, era possível saborear o pão de trigo; nas reuniões sociais tomava-se a cerveja e o whisky, o gin e o rum. Nos restaurantes e casas da elite, era chique comer *beef*, ou bife com batatas, rosbife e costela de carneiro, *sandwiche*, lanche e ponche. Depois de barriga cheia de tanta guloseima influenciada pelos ingleses, era hora de dormir de pijama, mas antes era prudente fazer a toailete no water-closed.

O século XIX ampliou a demanda por bens culturais no Rio de Janeiro, aumentou o mercado consumidor de instrução básica e de boas maneiras. Diz Malerba: “As modas européias invadiram as ruas e salas distintas do Rio de Janeiro com franceses e ingleses que as ocuparam. Homens e mulheres (...) renderam-se ao brilho das indumentárias vergadas nas cerimônias públicas e dias de gala” (2000, p.166-67). É importante destacar que se novas e diferentes mercadorias emergiam no mercado urbano, isto não significa que todos podiam consumi-las, embora pudessem observá-las, cobiçá-las, copiá-las.

O cotidiano feminino, nos escritos kalleyanos, é marcado pela ritualização, pela escolarização, pela devoção à maternidade e como mediadora entre os filhos e a escola.

Novos dispositivos pedagógicos<sup>5</sup> emergiam. Como cidadã do império civilizador protestante, Sarah “apresenta propostas de transformações da sociedade brasileira através da ocupação do privado” utilizando suas influências sócio-culturais como forma “de transmissão de valores da civilização britânica da era vitoriana, em todas as áreas do espaço privado” (CARDOSO, 2005, p.19). No discurso de Kalley, o sujeito não é mais uma unidade-identidade, mas envoltura, pele, corpo, fronteira: sua interioridade transborda ao ler, ao se apropriar de (ou rejeitar) determinados conhecimentos da ciência médica e da pedagogia. Gestos, movimentos e sentidos são produzidos no espaço da casa e incorporados pelos meninos e meninas: “Às crianças deve-se lhes lavar a cabeça logo de manhã”, livrando-a das más exalações, dos fedores do corpo. O ritual do banho torna-se uma prática pedagógica higienizadora e, com esta, “novas sensibilidades são trabalhadas, conduzindo ao exercício de uma dupla vigilância - sobre os outros e sobre si (autocontrole), o que reclama uma higiene pública e privada” (BRAS, 2008, p.4). A pedagogia da boa higiene unia-se à ciência maternal como uma nova relação que se introduz nas múltiplas práticas cotidianas no século XIX, introduzindo orientações que se traduzem em deveres para eliminar o mau cheiro das urinas, dos suores, dos hálitos e matérias hormonais. A higiene física, a moral e a intelectual são, assim, saúde para o corpo, caráter para a alma e inteligência para a sociedade. A narrativa de Kalley cobre o espaço íntimo, da casa, da cozinha, do quarto, do quintal, da família. Incide sobre as atividades femininas, sobre suas práticas e gestos cotidianos. Expande o seu alcance à sociedade. Na corte tropical, Sarah movimenta-se discursivamente para fazer circular o que aprendeu na Inglaterra, buscando equipar as mentes femininas com os fundamentos da doutrina higienista. Move-se em nome das boas maneiras.

A vigilância, como uma tecnologia de controle sobre si e sobre o outro aumentava, e a elite deveria se preocupar com a parte cabeluda da cabeça, as virilhas, as axilas, os intestinos, as separações dos artelhos, a bexiga, os dentes. Dia-a-dia, adultos e crianças aprendem através do olhar, do ouvir, do falar, do calar, do sentir, do reproduzir. A higiene das crianças se torna mais imperiosa do que a dos adultos. Os cinco sentidos das

---

<sup>5</sup> Um dispositivo pedagógico será, na concepção de Larrosa, “qualquer lugar no qual se constitui ou se transforma a experiência de si. Qualquer lugar no qual se aprendem ou se modificam as relações que o sujeito estabelece consigo mesmo (LARROSA, 1994, p.57).

crianças são treinados, de modo a cada um conhecer os cheiros, os odores, os sons, as práticas: “...para meninos e meninas que vão para a escola, e ali se ajuntam com outros, que não são talvez tratados com igual esmero, é necessário também lhes marcar um tempo certo em cada semana para lavar, pentear e escovar o seu cabelo com o maior cuidado” (KALLEY, p.87). A narrativa médica acusava os pais de relapsos na educação higiênica dos filhos e tornava a escola um laboratório onde diversas estratégias de controle higiênico são postas em experiência.

É interessante perceber que todo esse ritual de limpeza é marcado pela diferença: “...para meninos e meninas que vão para a escola, e ali se ajuntam com outros, que não são talvez tratados com igual esmero...” O corpo escolarizado pela limpeza deve distinguir-se dos demais, deve ter impresso a marca distintiva do asseio e do cuidado materno. O bom funcionamento orgânico depende do bom governo que o sujeito faz do seu corpo. Limpar-se todos os dias é uma ação contra os inimigos invisíveis, mas também deve ser um prazer. Ser asseado consiste em afastar bactérias, protozoários e vírus. No século XIX, a concepção higienista que caracterizou a sociedade brasileira encontrou como aliada a mulher, a mãe. Dessa forma, procurou conciliar as necessidades familiares ao interesse do Estado para moralizar e disciplinar os comportamentos domésticos mediante as normas de higiene e asseio pessoal.

Como tema pedagógico, o asseio fortalece os laços entre a medicina e a moral, entre o estado e a família, entre imposição e consenso, pois é desonra qualquer sujidade ou nódoa no vestuário: “[no vestuário] deve haver ordem e asseio, e sobretudo devemos vestir sempre em harmonia com a posição social de cada um” (KALLEY, p.90). Era uma nódoa, também, o vestuário indecente, indecoroso, imoral. Quando o comerciante e viajante inglês John Luccock descreveu o vestuário no Rio de Janeiro, ele argumentou: “Quando entre amigos íntimos, vêem-se apenas de camisa, cingida à cintura pelos cordões da saia e com as alças frequentemente caindo de um dos ombros” (1975, p.75). A anatomia dos vestidos deve mudar para configurar a nova família que emerge, europeizada, industrializada. Nessa prescrição médica, nesse controle sanitário das roupas, os pobres estavam excluídos.

O que se percebe nessas escrituras da segunda metade do século XIX, é que a educação das vontades constituía-se condição fundamental aos efeitos de poder almejados pelo discurso civilizatório. Uma das questões que aglutinou os discursos civilizatórios – médicos, sanitaristas, pedagógicos – em torno da família foi a preocupação com o controle do desejo dos seus membros, da educação das vontades, dos dispêndios da energia do corpo. Somente uma modificação na leitura de sua corporeidade conduziria os indivíduos ao auto-controle e ao equilíbrio das energias do corpo, equilíbrio concebido como a saúde de si mesma. Nessa tônica discursiva, romper com as antigas leituras que o homem da sociedade colonial fazia do corpo, do sexo, do trabalho e da moral não é “destruir” a tradição, mas desqualificar determinados hábitos tradicionais que a ciência sexual e a ciência médica instituíram, no século XIX, como degenerativos à família e ao contexto modernos, limpando as novas gerações das influências mórbidas como a sífilis, que era legitimada pelos pais da elite do engenho como uma marca de virilidade e masculinidade. Se a sífilis, na família tradicional, era mostrada como um troféu ou uma tatuagem viril, o discurso eugênico deslegitimará essa doença como signo de potência viril e, em nome do corpo atlético, saudável e musculoso, legitimará os esportes como formadores do corpo enrijecido.

Os sentidos são fundamentais para a pedagogia da boa higiene, para a construção de novas paisagens. Através deles, definimos fronteiras, estabelecemos proximidades e recuos entre os homens e as coisas que os cercam. Sarah Kalley dar importância a cada um deles na luta diária contra os inimigos invisíveis. O **olfato**, por exemplo, é descrito como fundamental para perceber o que nos avizinha: “Deus concedeu-nos o dom maravilhoso de podermos adivinhar pelo olfato a presença do que nos pode causar dano à saúde, e pressentir o perigo antes que os olhos o descubram” (KALLEY, p.81). Esse “dom maravilhoso” é educado, disciplinado para ler à distância o perigo, definindo o permitido e o proibido, o espaço aberto ou o fechado, permitindo ou proibindo a circulação: “O nariz é sentinela vigilante, sempre de atalaia, e que, à menor sombra de risco nos põe de sobre-aviso” (p.81).

O **olfato** estabelece diferenciações entre a paisagem limpa e a suja, a cheirosa e a fedorenta. Ele nos informa sobre o ar puro, a poeira, a fumaça, o mau cheiro que emana de “pequenos charcos perto de sua casa”, do lixo e dos monturos, dos resíduos

emporcalhados que são jogados próximos da residência e que agridem às novas sensibilidades. A gestão da saúde passa pelo repertório dos odores nocivos, doentios e se difundem de alto a baixo dos segmentos sociais. As águas paradas, os brejos e os lixos também são perigosos focos de doença e de ameaças constantes. A desodorização da casa e dos seus arredores é um empreendimento burguês de amplo significado, que modifica hábitos, práticas, percepções e valores. Nesse processo de desodorização, o olfato é “sentinela vigilante”, pois “quando ao nosso olfato repugna alguma coisa, é que ela não tem utilidade para a saúde do corpo; da mesma forma, quando o nariz, vedete incansável, bradar o *Quem vem lá?* Devemos arrepear-nos de que o inimigo perto vem” (Kalley, 2005, p.81).

Outro sentido conclamado por Sarah é o **paladar**. Para Sarah Kalley, o paladar faz parte da sensibilidade das donas de casa para serem econômicas, para não desperdiçarem alimentos. O paladar se mostra um aliado na economia doméstica, na saúde das finanças, na prosperidade do corpo:

Há anos, certos prisioneiros franceses foram mandados passar algum tempo em uma pequena vila escocesa, muito pobre, onde tanto os habitantes como os presos achavam mui pouco de comer, exceto pão e peixe salgado, alimento pouco substancial e muito insalubre. Mas os franceses eram melhores cozinheiros do que os hospedes. Punham o pão duro a cozer muito lentamente, ajuntando-lhe pimenta, e, quando a tinha, um punhado de farinha de cevada (...) Depois esmagavam o peixe salgado em outro bocado de farinha e pimenta, e reduziam-no a pequenas bolas, que deitavam na sopa. Um prato de tal guisado era sustento para um homem, enquanto que o mesmo pão e o peixe, comidos separadamente, o deixariam com fome (Kalley, 2005, p.84)

A paisagem gustativa dos prisioneiros, a arte dos franceses em transformar alimentos, o cuidado para com as vasilhas, as receitas culinárias, o preparo adequado da comida, tudo é avaliado, prescrito, de forma a educar as donas de casa a construírem um ambiente sadio para o corpo, para a alma e para o bolso. “Não é bom guardar coisa alguma de um dia para o outro nas panelas. Os sobejos tiram-se e põem-se em um prato limpo, e a panela lava-se e enxuga-se com cuidado”, orienta Sarah Kalley, advertindo que a economia doméstica pode ser uma grande aliada da saúde, desde que feita com os devidos cuidados. Entenda-se por “devidos cuidados” a prática cotidiana de higienização, pois através desta as donas de casa realizam uma economia notável e livram-se da compra de medicamentos para as doenças provocadas pela ingestão de

comida contaminada. Desta maneira, o interesse pela higiene dos alimentos é grande, pois pode contribuir para a grandeza e prosperidade da família e da nação. A estética da economia é convocada, pois “não haverá o menor inconveniente em guardar as sobras de um dia para o dia seguinte” (Kalley, p.84). Pode-se perceber que, para a autora, comer não se constitui apenas em uma prática fisiológica, mas num ritual permeado de símbolos, sinais, cores, texturas, temperaturas, ética e estética. Assim, o paladar tornou-se um aliado da “boa higiene”, somando-se ao cuidado com o espaço da moradia (onde e como morar, como edificar a casa) e com a precaução com os territórios freqüentados.

A medicalização social preocupa-se, também, com outros movimentos ortopédicos, com outras paisagens e sentidos. A **visão** e o **tato** prevalecem como aparelhos de experimentação e significação dos espaços que cercam a família. O olhar começa a ser educado para procurar a pele suja, a poeira dos móveis, a cardina das roupas, os cabelos despenteados, o mau hálito, as atrofiações higiênicas. A falta de higiene é percebida tanto pelo tato quanto pela visão e o banho emerge como uma prática capaz de expulsar micróbios, eliminar a presença micro corpuscular. A sujidade torna-se um perigo dentro e fora da casa. A pele é percebida como um veículo que pode transportar germes ocultos, alimentar agentes invisíveis, abrigar em suas pregas e cavidades um exército de bactérias perigosas. A pele é uma vestimenta que merece constantes cuidados. “A pele não lavada é uma pele fria, e assim produz abatimento de espírito”, menciona Sarah Kalley, aconselhando as mulheres a tomarem um banho de água fria todas as manhãs, esfregando o corpo com um pano molhado para desobstruir os poros e, “assim, evitar muitas moléstias, e tornar-se mais agradáveis a si e aos que os cercam” (2005, p.86). É preciso desobstruir a pele com água, livrando-a dos cascões, pois estes tampam os poros, retêm os humores excrementícios, “favorece a fermentação e a putrefação das matérias e, pior que tudo, facilita o ‘rebombeamento das imundícies’ de que a pele está carregada” (CORBIN, 1987, p.97). Era necessário educar o tato para não tocar em coisas contaminadas; refinar o paladar para selecionar o alimento puro; aguçar o olfato para não ter contato com os cheiros podres, enfim, era urgente sanear as sensibilidades.

Os seres micro corpusculares, a invasão dos infinitamente pequenos, a contaminação da pele, tudo contribui para mudar a relação do sujeito com o seu próprio corpo e o banho é uma dessas mudanças cotidianas, pois é visto pelos higienistas como uma prática que

diminui de maneira acentuada o número de micróbios na pele. Mediante muitas instituições e práticas, a concepção do corpo limpo pela água é aprendida e interiorizada, torna-se quase natural. Uma nova paisagem corporal emerge no final do século XIX balizada na relação entre a água e o corpo. A água ganha novos contornos discursivos, desempenhando o papel de limpeza da pele. Um corpo banhando-se representa para a elite uma massa invadida pelo líquido, abalada pelas dilatações porosas (VIGARELLO, 1996, p. 175).

Além dos sentidos, a escrita higiênica de si comporta um “sentido” subjetivo. É indispensável querer ser limpo, desejar a limpeza, a higienização de si. O próprio significado de saudável é uma componente subjetiva, volitiva, cognitiva. O desejo de querer é uma força necessária para se opor à sujeira e à doença. Nesta perspectiva, Bras argumenta que a “higiene da alma tem por objectivo colocar todas as forças sobre o domínio da vontade, sujeitá-las, regulá-las, dirigi-las (...) A combinação do dever com a higiene moral conduz o homem a ser senhor de si próprio”. O referido autor acrescenta que, mediante “o treino da vontade aumenta-se a força no querer. Serve para dizer que se aprende a querer como se aprende a trabalhar” (2008, p.10).

Influenciada, ainda, pela teoria dos miasmas, o capítulo VI do livro “A Alegria da Casa”, de Sarah Kalley, é um combate discursivo contra o odor da sujidade, as exalações, os micróbios, os eflúvios nauseabundos e os fedores insuportáveis e mefíticos. Para além das advertências higiênicas em relação às instalações, iluminação, ventilação, limpeza dos móveis da casa, Sarah recomenda que os pais ensinem os filhos a contrair o hábito do banho e da limpeza diários e o asseio em todos os atos. Uma nova pedagogia do olhar permite perceber os itinerários do corpo sujo e do corpo limpo. Dessa maneira, lavar-se todas as manhãs consiste em uma batalha visível contra um inimigo invisível: os micróbios. Consiste, também, numa prática pedagógica individual e familiar, uma escolarização que tem como objetivo vencer os miasmas.

Mas o banho não consegue apagar tudo, desinfetar, abater o inimigo. É preciso outra série de cuidados, de forma a constituir um ritual educativo, uma norma pedagógica cotidianamente: “Tomai cuidado dos pentes e escovas dos cabelos. O seu *único* lugar é no quarto de dormir. Igualmente deveis observar que não ande esvoaçando pela casa o

cabelo que sai ao pente, nem o deiteis fora da janela, para não suceder que vá dar na cara de quem passa” (p.87). Em nome dos miasmas, a casa era conclamada a mudar de fisionomia. Pentes, escovas, toalhas, cada objeto no seu lugar. A casa e os seus objetos estavam zoneados, circunscritos.

No final do século XIX, o médico Felipe Neri Collaço escreveu uma enciclopédia com o objetivo de educar as famílias, de ensinar boas maneiras e boas regras aos seus leitores. Com o título *O conselheiro da família brasileira – enciclopédia dos conhecimentos indispensáveis na vida prática*, a enciclopédia soma voz ao coro de Sarah Kalley em diversos aspectos. Acerca do vestuário, o médico Collaço instrui como lavar, engomar, tirar nódoas e sujeiras, marcar roupa, arrumá-las adequadamente nos armários, escolher as linhas e máquinas de costura adequadas, enfim, elaborar um plano pedagógico para o cotidiano da casa. Nesta mesma obra, a casa é metodologicamente organizada, higienicamente pensada para destruir insetos, expulsar mosquitos, expelir as sujeiras, ao mesmo tempo em que era aplaudida a limpeza, a decoração, a iluminação, a escolha de lustres, dentre outros. Nos escritos de Collaço, aparecem regras sobre polidez, recepção de visitas, condutas em bailes e em diversas reuniões sociais. A enciclopédia era destinada, portanto, às famílias da elite.

### **Vestindo-se para uma nova vida**

Em relação ao vestuário, as roupas íntimas também ganharam visibilidade nos escritos dessa autora, afinal, a história da higiene está articulada, também, com a intimidade do corpo, o íntimo está impregnado no visível: “A roupa interior, ao despontar do gibão dos homens ou do vestido das mulheres, confere à aparência a marca das zonas mais secretas” (VIGARELLO, 1996, p. 178). Sarah Kalley faz um exercício ortopédico do corpo bem vestido, narrando a história de uma jovem que se trajava primorosa e decentemente para sair ao passeio, e dentro de casa cobria-se de roupas e chales sujos, cabelo em desalinho, sapatos achinelados, rosto mal lavado, além de abrigar-se no seio de uma casa mal varrida e mal cuidada (2005, p.89 e seguintes). A viajante inglesa Maria Graham refere-se a evento idêntico, afirmando que quase não conheceu no teatro as senhoras que reinam de manhã dentro de casa, pois era grande a disparidade entre o traje caseiro e o de cerimônia. Na concepção da viajante, “a precisão moral do corpo

exige o domínio sobre os gestos, o uso correto do vestuário de forma a exhibir o físico como um templo sagrado da individualidade” (GRAHAN, apud GONÇALVES, 2005, p.621).

É importante mostrar que o vestuário no século XIX subjetivou as mudanças ocorridas na França. Cortes, cores, texturas, modelos, enfeites, tudo foi alterado pelos costureiros e pelas modistas. Os novos estilos de vestir seduzem o olhar das mulheres e dos homens, desejosos de mudar o cotidiano do corpo coberto, de agradar ao outro, de surpreender, de ofuscar gorduras, de marcar o território pela distinção social, pela teatralidade do traje. Os prazeres do olho são refinados a partir da segunda metade do Oitocentos e a sociedade que se deseja civilizada fará novas reivindicações para vestir o seu próprio corpo. A beleza é desejada, pois “o olhar sobre o corpo se enriqueceu inexoravelmente, acrescentando detalhes estéticos, indicações, palavras” (VIGARELLO, 2006, P.103), abandono de critérios coloniais. As filhas do século XIX são seduzidas pelas novas fisionomias urbanas, pelas novas práticas de leitura e de escrituras, pelos códigos burgueses que se espalham socialmente.

Essa profilaxia do vestuário contribuiu para a mudança de trajes tanto dentro quanto fora de casa, aumentando, assim, o comércio de roupas e de tecidos. Famílias que só se preocupavam com o traje quando saíam às ruas, passaram “a consagrar maior atenção ao modo como se vestia em casa. O cuidado em adequar a roupa ao clima, às idades, aos sexos, etc. ampliou, consideravelmente, o consumo destes artigos” (COSTA, 1999, p.130) e impediu que muitas mulheres caíssem no ridículo. A nudez passou a ser castigada pelos médicos e moralistas, que desejavam corpos bem vestidos, bem cobertos. Nada de seios à mostra, de decotes excessivos. Nudez passou a ser descrita como indecência, como mau costume, como violação da moral, como má educação. A anatomia de si passou a ser mais conhecida, tocada, coberta. Homens e mulheres começaram a notar, também, as suas imperfeições físicas: “controlando o vestuário, as pessoas aprendiam a esmiuçar, reconhecer, caracterizar pormenorizadamente os detalhes de seus corpos e dos corpos dos outros” (COSTA, 1999, p.131).

O exterior e o interior se unem para fabricarem corpos saudáveis. A normalização médica une-se à estetização do sujeito. As representações do trajar, do combinar roupas

e cores, explorando o cuidado com a limpeza do vestuário tanto interna quanto externa, ganham força nas narrativas e nos manuais voltados para as mulheres. As roupas íntimas merecem tanto cuidado quanto as externas:

É mau sinal quando a roupa por *fora* está nova e enfeitada, e a de *dentro* está velha e sem préstimo. É melhor tolerar uma casaca ou vestido velho do que trazer as cousas rotas às escondidas. Um homem que anda com chapéu e casaca na última moda, ao passo que leva a camisa velha e suja, ou uma mulher com flores e rendas, e com buracos nas meias e saia de uma cor duvidosa, é triste espetáculo! Se é preciso sacrificar alguma cousa, seja a de menos importância. Não há dúvida, de que o estado da roupa que se traz *por dentro* dá uma prova mais infalível da decência de uma pessoa do que qualquer adorno de coisas exteriores (KALLEY, p.91)

O que se percebe no final do século XIX, é que há uma verdadeira transformação da relação com o corpo. Em nome da saúde, tudo é vasculhado, varrido, retirado. Uma gramática dos gestos é instituída. Já não basta mudar a roupa de fora, mas também a de dentro contínuas vezes. É preciso lavar a geografia oculta pelos vestuários, as zonas interdidas ao olhar, cobertas pelos tecidos. Ser asseado é proteger e reforçar o corpo, tonificá-lo, enrigecê-lo, alimentá-lo com a limpeza, desobstruir os poros, ameaçar as bactérias, limpar as partes ocultas e visíveis e cobri-las com finos (ou grossos) tecidos. Limpar o interior e usar roupas íntimas adequadas, não se trata mais de aparência, como no século XVIII, mas de vigor, de saúde. Isto confirma, segundo Vigarello (2006), o quanto a cultura do século XIX fez o sujeito se abrir sobre si mesmo, renovando os diários íntimos e investigando o “mundo interior” (p.104). Sarah Kalley, fazendo uma advertência às mulheres casadas para que as mesmas cuidem das roupas quando estão dentro de casa, diz:

“...um homem carece, para sua mulher, de uma companheira que lhe seja agradável *todos* os dias e a *todas* as horas, mas não de uma criatura que toda se enfeite somente para passeios da rua, e a qual nem levemente se abale de mostrar-se aos de casa em tal desordem e desleixo de vestuário que só ao vê-la cause tédio e aborrecimento (...) Muitas senhoras em casa vestem-se de farrapos e andam sujas e maltrapilhas, para poderem sair à rua com mais um enfeite de seda, ou mais um raminho de flores artificiais!” (p.90)

Nesse campo discursivo que se chama *corpo*, dentes e unhas também necessitam de um olhar pedagógico. A sujeira nas mãos e no vestuário, na boca e nas axilas, nas virilhas e partes pudendas, não é bem vista nem bem dita. São geografias que podem iludir o olhar, mas não o olfato. As mãos que tocam em tudo devem ser objeto de cuidados constantes. É necessário ensaboá-las várias vezes por dia. As unhas “devem andar

limpas e curtas”. As unhas compridas, diz Kalley, “trazem à lembrança as garras de uma fera, de ordinário custa mais a conservá-las sempre limpas, e, desde que se vê em qualquer pessoas uns dedos imundos, nem outra coisa se pode imaginar senão que o resto do corpo é todo tratado com um desleixo e abandono”, não merecendo, portanto, “uma tão maravilhosa obra de Deus” (p.87-88). A representação das unhas sujas ganha a metáfora bestiária, se metamorfoseiam em garras, em feras, em lobos.

Sarah Kalley escreve o seu “tratado higiênico” preocupando-se, também, com essas zonas de perigos. Concede particular atenção aos dentes, pois que, com as cáries, estes podem oferecer uma via de penetração de doenças, de bacilos da febre tifóide, dos pneumococos. Limpar a boca é, dessa forma, evitar a sua deterioração através das cáries: “Os dentes devem ter cada manhã igual limpeza, sendo bem escovados não só para não repugnarmos aqueles com quem falamos, senão também para a conservação destes agentes tão preciosos e tão necessários” (2005, p.87). Kalley seduz o sexo feminino para a assepsia bucal, limpando a geografia das gengivas, as pregas da mucosa bucal e as fissuras entre os dentes. A paisagem da boca precisa de muito cuidado, pois nela passavam as partículas orgânicas que flutuam no ar, os detritos alimentares, os escarros e salivas e toda sujidade que lhe infecta: “Algumas pessoas dizem que se limpam melhor os dentes areando-os com um pouco de *sal fino*. Outras empregam *giz refinado* para o mesmo fim. Outras esfregam-nos com *sabão* antes de escová-los” (p.87).

Dessa forma, “A Alegria da Casa” é um convite para os que desejavam ser limpos e cheirosos na cidade que se projetava internacionalmente: o Rio de Janeiro. O livro “A Alegria da Casa”, analisado por nós, certamente teve uma intensa utilização no final do século XIX, não apenas na Igreja Evangélica Fluminense, mas também no cotidiano escolar de alunos e alunas, professores e professoras, como um manual de “boas maneiras”, um código de bom-tom para quem realizava uma contínua leitura de seus capítulos. É interessante refletir, também, sobre a função que esta atividade cumpria no seio da medicina, como um canal de divulgação da educação sanitária, da limpeza do corpo e da casa. As leitoras (e prováveis leitores) do referido livro reconstruíam o texto e lhe outorgavam significados diferentes daqueles construídos por Sarah Kalley que, com suas próprias palavras, procura dar conselhos e respostas imediatas às mães e

mulheres, às noivas, às filhas. Desta forma, o leitor se apropria do texto e o transforma em uma ferramenta de instrução, de educação, excedendo às intenções do autor e tornando-se, talvez, “a alegria da casa”.

## Referências

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval M. **Nos destinos de fronteira**. Recife: Bagaço, 2008.

ANCA, Alejandra Rodriguez de. Apuntes para el análisis de las relaciones entre discurso médico y educación (1900-1930). In: Di Liscia, Maria Silvia; Salto, Graciela Nélica. **Higienismo, educación y discurso en la Argentina (1870-1940)**. Santa Rosa, Editorial de la Universidad Nacional de la Pampa, [2002?]

ARMUS, Diego. El descubrimiento de La enfermedad como problema social. In: LOBATO, M. Z. **Nueva historia Argentina (1880-1916)**. Buenos Aires: Sudamericana, 2000.

BARROS, José D´assunção. **Cidade e História**. Petrópolis: Vozes, 2007.

BIRMAN, Joel. **Cartografias do feminino**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. Textos, impressões, leituras. In: LYNN, Hunt. **A Nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. A “nova” história cultural existe? In: LOPES, Antônio H.; VELLOSO, Monica P.; PESAVENTO, Sandra J. **História e Linguagens**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

COLLAÇO, Felipe Nery. **O conselheiro da família brasileira** – enciclopédia dos conhecimentos indispensáveis na vida prática. Rio de Janeiro: Garnier, 1883.

CORBIN, Alain. **Saberes e odores**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

DANTES, Maria Amélia (org.) **Espaços da ciência no Brasil. 1800-1930**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

DÁVILA, Jerry. **Diploma de brancura**. Política social e racial no Brasil – 1917-1945. São Paulo: Edunesp, 2007.

FERREIRA, Antonio Gomes. Higiene e controlo médico da infância e da escola. **Caderno CEDES**, Campinas, v. 23, n.59, p.9-24, 2003.

FERREIRA, Luiz Otávio. Uma interpretação higienista do Brasil Imperial. In: HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antonio Augusto Passos. **Ciência, civilização e Império nos Trópicos**. Rio de Janeiro: Acess, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1999.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**. São Paulo: Record, 1996.

GONÇALVES, Margareth de Almeida. **Artifício e excesso**: narrativa de viagem e a visão sobre as mulheres em Portugal e Brasil.

GRAHAM, Maria. **Diário de uma viagem ao Brasil**. Belo Horizonte; São Paulo: Ed. Itatiaia; EDUSP, 1990.

GONDRA, José Gonçalves. **Artes de civilizar**. Medicina, higiene e educação escolar na corte imperial. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, 2000.

GONDRA, José Gonçalves. Homo hygienicus: educação, higiene e a reinvenção do homem. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 23, n. 59, p.25-38, 2003.

HORA, Dayse Martins. **Medicalização, Escola Nova e Modernização da Nação: 1930-1945**. Disponível em: [http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos\\_frames/artigo\\_034.html](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_034.html). Acesso em 12 jul.2008.

KALLEY, Sarah. A alegria da casa. In: CARDOSO, Douglas Nassif. **O cotidiano feminino no Segundo Império**. São Bernardo do Campo: Edições do Autor, 2005.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1994.

LUCCOCK, John. **Notas sobre o Rio-de-Janeiro e partes meridionais do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

LUZ, Madel T. **Arte de curar versus a ciência das doenças: a história da homeopatia no Brasil**. São Paulo: Dynamis Editorial, 1996.

MATOS, Maria Izilda de Souza. **Cotidiano e cultura**. História, cidade e trabalho. Bauru/São Paulo: Edusc, 2002.

MOGARRO, Maria Joao. Os professores e os seus discursos: problemas de circulação e apropriação de modelos pedagógico-culturais. In: ALMEIDA, Malu (org.) **Escola e Modernidade: saberes, instituições e práticas**. Campinas-SP: Alínea, 2004.

PESAVENTO, Sandra. Sensibilidades escrita e leitura da alma. In: PESAVENTO, Sandra; LANGUE, Frédérique. **Sensibilidades na História: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

PEREIRA NETO, André de Faria. **Ser médico no Brasil**. O presente no passado. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

PIMENTA, Tânia. Entre sangradores e doutores: práticas e formação médica na primeira metade do século XIX: **Caderno Cedes**, Campinas, v. 23, n. 59, p.91-102, 2003.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. **A Cidade e a Moda: novas pretensões, novas distinções – Rio de Janeiro, século XIX**. Brasília: UNB, 2002.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos**. A mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SÁ, José Marques de. **Higiene da pele, no Rio de Janeiro: vestuário e banhos**. Tese (Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro), 1850.

SILVA Francini Medeiros da. **Código de Bom-Tom: Os manuais de etiqueta e a formação de uma “boa sociedade” nos trópicos (Rio de Janeiro, 1840-1850)**. Anais do XVIII Encontro Regional de História – O historiador e seu tempo. ANPUH/SP – UNESP/Assis, 24 a 28 de julho de 2006. Cd-rom.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SOARES, Carmem L. SOARES, Carmen Lúcia (Org). **Corpo e história**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

VIGARELLO, George. **O limpo e o sujo**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.